

O HOMEM E SUA CIRCUNSTÂNCIA: INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DE ORTEGA Y GASSET

Vilson Ribeiro Santos

Orientador: Wanderley C. Oliveira (DELAC-FUNREI)

Resumo: Definir a noção de circunstância e pensar sua função na constituição do ser humano, explicitando a importância da reflexão que busca compreendê-la, isto é, saber o que ela significa nela mesma, na sua unidade e em suas efetivas conexões, enfim, em sua irredutibilidade, contudo, na plenitude do seu significado em nossa vida, atualizando todas as suas virtualidades.

Palavras-Chave: Homem. Circunstância. Teoria. Ontologia.

Abstract: To define the circumstance notion and to think its function in the human being constitution, showing the importance of the reflection that looks for to understand it, that is, to know that she means in her same, in its unit and in its effective connections, finally, in yours non reduction, however, in the fullness of its meaning in our life, modernizing whole its virtualities.

Key-words: Man. Circumstance. Theory. Ontology.

1. Introdução



Este texto é resultado de um projeto de pesquisa que desenvolvemos no programa de iniciação científica da FUNREI, com bolsa do CNPq. Neste projeto, o campo geral de nossa pesquisa foi a filosofia do pensador espanhol, José Ortega y Gasset (1883-1955). Entretanto, neste campo, que é imenso, pois Ortega possui mais de 10 mil páginas escritas, delimitamos como área temática a ontologia ou a teoria do ser do homem que aí se delinea. Nesta área temática, traçamos nosso objetivo básico, a saber, explicitar o significado e as implicações do conceito "Eu sou eu e minha circunstância" na Ontologia do Homem que se delinea na filosofia de Ortega y Gasset.

Mas para que ficassem mais claro os limites de nosso trabalho, tal como sugere-nos Ferrater Mora, em seu livro *a Filosofia de Ortega y Gasset*, de 1958, dividimos o pensamento de Ortega em três fases. A primeira fase do pensamento orteguiano, segundo a obra supra citada, é a do objetivismo, que começa em 1902 e termina em 1914, quando Ortega publica seu primeiro livro, *Meditações do Quixote*. Esta obra inaugura a segunda fase, a fase do perspectivismo que, portanto, começa em 1914 e vai até 1923, com a publicação de *O Tema de Nosso Tempo* que encerra esta fase. A terceira e última fase é a do raciovitalismo, que começa em 1924 e termina em 1955, ano em que Ortega morreu.

Nosso trabalho limitou-se, exclusivamente, à segunda fase, ou seja, a fase do perspectivismo e, mais especificamente, às duas principais obras desta fase: *Meditações do Quixote* (1914) e *O Tema de Nosso Tempo* (1923), nas quais o conceito "Eu sou eu e minha circunstância" surge com proeminência.

2. A Ontologia do Homem em Ortega y Gasset

Sabemos que a relação "eu e minha circunstância" não é mais novidade na filosofia. Retomar Ortega por aí seria desconhecer que a fenomenologia e o existencialismo trataram esta relação com um constructo conceitual filosófico igualmente rico e aprofundado. Então, qual a novidade de se tratar esse tema em Ortega?

A novidade consiste em que, Ortega, trabalhando a conjunção do "eu mais a sua circunstância", torna-se exemplar no que diz respeito à tomada histórica das categorias de Situação e Temporalidade, colocando, como veremos adiante, a Espanha (concreta) como pano de fundo onde esta conjunção entre o "eu e sua circunstância se opera"¹.

2.1. O Eu e sua Circunstância

Há em Ortega uma rigorosa conceituação filosófica acerca da relação entre o Eu e sua circunstância. "Eu sou

¹Neste sentido, Ortega antecipa todo aquele prestígio que o cotidiano (a não filosofia) viria adquirir na filosofia. Lembrando que um postulado fundamental em Ortega é o de que só há filosofia com a não filosofia.

eu e minha circunstância - afirma Ortega (1967) - e se não salvo a ela, não salvo a mim" (p. 52). Assim, mesmo antes de explicarmos o que significa "salvar a circunstância" para Ortega, já podemos adiantar que na fórmula: "Eu sou eu e minha circunstância", temos um "Eu" que está nativamente aberto à sua circunstância, isto é, à realidade que o circunda. Esta realidade é, sem dúvida, distinta do Eu; mas, ao mesmo tempo, é inseparável dele; de modo que, para Ortega, não há como tomar o Eu sem sua circunstância.

Deste modo, em todo o livro *Meditações do Quixote* (1914), primeira obra de Ortega, o filósofo mostra-nos que se comunica com o mundo a partir de sua circunstância. Ela é por assim dizer, seu cordão umbilical que o liga com o universo todo. Por conseguinte, é nesta realidade concreta, nessa Espanha sofrida, em crise e tão abaixo de seu tempo, que Ortega propôs-se adentrar, esquadrinhando sua natureza oculta, buscando suas possibilidades e a profundidade do seu significado filosófico, enfim, procurando salvá-la. Entretanto, salvá-la não por heroísmo filosófico, mas pela convicção de que se não salvasse a ela, a sua Espanha, também não salvaria a si

2.2. Salvar a Circunstância: a Importância da Teoria

Mas, o que significa salvar a circunstância? Salvá-la significa compreendê-la. E compreender, para Ortega, é conduzir generosamente as coisas à plenitude do seu significado, é ligar coisa com coisa e tudo conosco, numa viva pertinência recíproca. Assim, para Ortega, compreender a circunstância

é, primeiramente, saber o que ela significa em minha vida, pois não seria o bastante ligar as coisas entre si, se, concomitantemente, não ligássemos tudo conosco.

Logo, para salvar a circunstância é preciso compreendê-la, ou seja, saber o que ela significa nela mesma, na sua unidade e em suas efetivas conexões, em sua irredutibilidade, contudo, na plenitude do seu significado em nossa vida, atualizando todas as suas virtualidades.

Assim, se não salvo minha circunstância, também não salvo a mim; porém salvar a circunstância é compreendê-la tal como foi definido. Daí a importância da teoria. Ortega conclama a mobilização da teoria para dar conta da circunstância. A teoria, entendida, na concepção orteguiana, como visão total, serve para apropriarmos-nos do concreto sem mutilá-lo ou absolutizá-lo.

Portanto, a pretensão de Ortega é volver os olhos para a teoria. Porém, uma teoria que nasça da vida. É por isso que a teoria, em se tratando de Ortega, vai ter como preocupação primeira a circunstância espanhola, para conseguir, de maneira suficiente, sem renunciar à inteligência, saber a que se ater a respeito de si mesmo. Em suma, pensar em teorizar é, em Ortega, pensar na vida a que se ater. Vida que aparece em Ortega como realidade radical, primordial, consistindo, no máximo rigor da palavra, no fato de cada homem se encontrar, de maneira inexorável, sem saber como, tendo que existir em uma circunstância determinada.

Deste modo, salvar-se-á a circunstância procurando teorizá-la; ou seja, entendendo-a em suas conexões efetivas, ligando coisa com coisa e tudo conosco, numa viva pertinência recíproca entre nós e nossa circunstância; ou melhor, entre o homem e o mundo, o que é essencial na ontologia orteguiana do homem (Kujawski, 1984).

2.3. A Fidelidade à Circunstância como Fidelidade a Si Mesmo

Para Ortega, é fundamental que demos conta, pela teoria, de nossa circunstância. Contudo, sem prender-se a ela, pois absorver-se na circunstância, de maneira imediata, é torná-la desligada do contexto, mutilando-a e afetando-a. Todavia, não se trata, por outro lado, de virar as costas para nossa circunstância, pois evadir-se dela é desligar-se do mundo, é encontrar-se sem ponto de apoio, sem ponto de vista: é ignorar-se a si mesmo, posto que a circunstância é parte constitutiva daquilo que somos.

Em Ortega, portanto, o homem não vive separado do espaço-tempo em que se situa. No "Eu sou eu e minha circunstância", o ser, situado no espaço-tempo, circundado de coisas, faz-se e se define, tomando-os como partes constitutivas de si. Portanto, no fulcro da ontologia orteguiana do homem, encontramos um modo de ser essencialmente devedor do seu espaço e de seu tempo. Assim, para pensar o ser do homem, Ortega sugere que comecemos pela realidade mesma que o envolve. Por uma metáfora, Ortega ensina-nos que se alguém está se afogando é na própria água em que se afoga que deverá buscar apoio para se salvar (Morejon, 1955).

Deste modo, a própria obra de Ortega é por essência e presença circunstancial. Partindo da Espanha, centro do universo para a questão do ser do o homem; Ortega, tematizando experiências especiais capazes de revelar a inteligibilidade de sua circunstância, realiza com máxima intensidade um modo de ser humano: o espanhol (Ortega y Gasset, 1967).

Conclusão

Assim se caracteriza o modo de pensar orteguiano: ele parte da circunstância, transcendendo-a no pensamento, mas de forma que o pensamento se qualifique por ela (Kujawski, 1984). Ortega toma a

circunstância como fonte vital para o pensamento, ao qual cabe fazê-la reluzir na plenitude do seu significado.

A realidade no seu caráter circunstancial é o "nervo criador do pensamento filosófico" (Kujawski, 1984, p.109). A circunstância é o ponto de partida para toda reflexão filosófica e, isso, também ou principalmente, para a investigação sobre o ser do homem. Pois, em Ortega, como tentamos mostrar, a circunstância é um elemento essencial na constituição daquilo que o homem é, o que impede a concepção do homem como um ser ontologicamente independente.

Referências bibliográficas

- FERRATER MORA, J. *La filosofía de Ortega y Gasset*. Buenos Aires : Sur, 1958.
- KUJAWSKI, G.M. Introdução à forma de pensar orteguiana. *Humanidades*, Brasília : v.2, n.9, p. 109-116, 1984.
- MARIAS, Julián. *Ortega: Las trayectorias*. Madrid : Alianza Universidade, 1984.
- _____. *Ortega: Circunstância y vocación*. Madrid : Alianza Universidad, 1984.
- MOREJON, J.G. Actualidade del pensamiento de Ortega y Gasset. *Revista brasileira de filosofia*, v. 5, n.4, p. 523-538, 1958.
- ORTEGA Y GASSET, J. *Meditações do Quixote*. São Paulo : Iberoamericana, 1967.
- _____. *O Tema de nosso tempo*. Madrid : Revista del Occidente.